

D.R.

Ha-Joon Chang, de 62 anos, já foi apontado pela revista britânica *Prospect* como um dos 20 principais pensadores do mundo

LIVRO. AS LIÇÕES DO ECONOMISTA HA-JOON CHANG

PORTUGAL, "VÍTIMA DO INSTAGRAM"

O que têm em comum alhos, bananas, bolotas, as taxas de Trump, a imigração, o turismo e a crise da habitação? Ajudam-nos a compreender a "economia comestível". Por **Filipa Vaz Teixeira**

Ha-Joon Chang, como qualquer pessoa nascida na Coreia do Sul, tem uma obsessão por alho. "Nós somos alho", afirma o professor da School of Oriental Studies de Londres no seu livro *Economia Comestível: Um Economista Faminto Explica o Mundo.* Entre 2010 e 2017, cada sul-coreano consumiu, em média, 7,5 quilos de alho por ano. Em Portugal, estima-se que a média ande entre 1,5 e 2,5 quilos. Competindo com os coreanos, somos esmagados como uma cabeça de alho pronta a entrar num assado.

A conversa em torno do alho serve de pretexto para o economista nos fazer salivar antes de falar de temas como a industrialização, o Estado Providência, as políticas neoliberais ou o mercado de livre-comércio.

"A COMIDA É UM DOS ELEMENTOS MAIS IMPORTANTES PARA ANALISAR AS DESIGUALDADES SOCIAIS"

Não é a primeira vez que Chang, apontado em 2013 pela revista britânica *Prospect* como um dos 20 principais pensadores do mundo, utiliza esta tática para se aproximar de leitores não especializados. Fê-lo em *As Nações Hipócritas: Os segredos incómodos dos países ricos e os mitos que ameaçam a prosperidade global*, em *23 Coisas que Nunca lhe Contam sobre a Economia* e em *Kicking Away the Ladder: Development Strategy in Historical Perspective* (2002), que não foi publicado em Portugal, mas que lhe valeu reconhecimento mundial e distinções.

"COMO PODEMOS SER CRIATIVOS PARA TORNAR A COMIDA SABOROSA SEM GASTAR MUITO DINHEIRO?"

Com o "livro da comida", como o próprio gosta de chamar à sua mais recente obra, juntou Economia, História e Sociologia num tacho e mexeu tudo muito bem como se fosse uma caldeirada.

A comida é um reflexo dos nossos hábitos, do contexto e da nossa história. Passa-se o mesmo com a economia?

A comida é elementar para a humanidade. Sem ela, não conseguimos viver, da mesma forma que sem uma economia vital tudo se torna insustentável. A forma como as pessoas comem ou são obrigadas a comer – e até como não comem – é um espelho da nossa sociedade. Há pessoas que pagam milhares de euros por caviar, enquanto outras não conseguem ter uma nutrição apropriada, porque não têm meios financeiros para o fazer. Por outro lado, se olharmos para a esfera doméstica, vemos que o ato de cozinhar ainda recai essencialmente nas mulheres. Se nos focarmos nos alimentos processados e ultraprocessados das sociedades industrializadas, podemos refletir sobre como esses alimentos (muito baratos e saborosos) são maus para a saúde e como isso afeta principalmente os mais pobres. Ou seja, a comida é um dos elementos mais importantes para analisar as desigualdades sociais.

Tentei também destacar aspetos positivos, sobre a relação da comida com o prazer e com a criatividade. Isto coloca-nos questões práticas: de que forma podemos ser criativos para tornar a comida saborosa sem gastar muito dinheiro? Podemos também associar a criatividade à diversidade e isso faz-nos pensar sobre a nossa cultura e sobre as políticas de imigração.

Como se explica que sejamos tão abertos a experimentar diferentes cozinhas do mundo e, ao mesmo tempo, estejamos cada vez mais permeáveis a discursos e políticas anti-imigração?

Quando cheguei a Inglaterra, há 40 anos, a comida era horrível! Mas hoje, pelo menos em Londres, é possível provar qualquer gastronomia graças à imigração. Ao mesmo tempo que o país tira prazer de uma gastronomia variada, não quer imigrantes. Isto é um paradoxo. Temos que usar estes exemplos para chegar às pessoas.

O "declínio" da "monocultura" neoliberal

Muitos dos capítulos de *Economia Comestível* falam, precisamente, de aceitação e rejeição. Seja a rejeição da figura do empreendedor brilhante que atinge o sucesso apenas por meritocracia, ideia desconstruída em "Massa" (onde ficamos também a saber que a massa *choi-myun* é a mais elástica do mundo); seja através daquilo a que Ha-Joon Chang chama "arquitetura da escolha", ou seja, o que cada um aprende a considerar possível para si devido ao contexto em que se move.